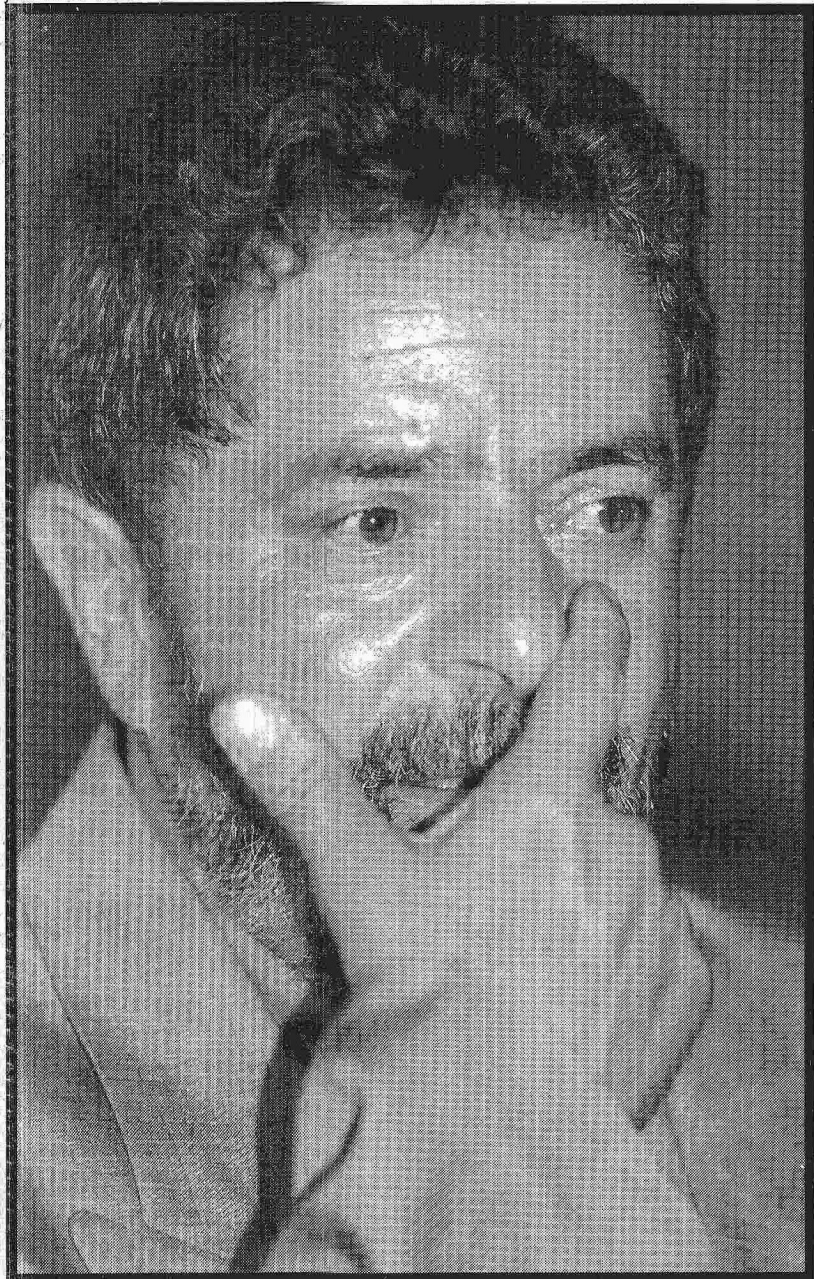




Lula, que insiste em dar destaque à crise: críticas à política econômica

DINHEIRO DO MUNDO FICA MAIS CURTO

Rio — O ministro da Fazenda, Pedro Malan, admitiu ontem que a crise financeira que está arrasando a maioria das economias do mundo vai reduzir a liquidez mundial e, conseqüentemente, dificultar a entrada de investimentos e o financiamento do déficit público brasileiro. Segundo o ministro, esse problema vem sendo apontado por ele desde a crise de outubro do ano passado.

“O País terá que depender menos de recursos externos e de poupança externa para financiar o seu desenvolvimento econômico e social, contando mais com a poupança doméstica”, disse ele após uma palestra para alunos da Escola de Guerra Naval no início da manhã.

Durante a curta entrevista, o ministro voltou a citar números que, a seu ver, demonstram a confiança dos investidores no futuro da economia brasileira. Ele lembrou que o Brasil recebeu US\$ 13,9 bilhões em investimentos diretos na economia nos 12 meses terminados em julho, sendo que nos sete primeiros meses deste ano entraram US\$ 11,1 bilhões. Desse total, apenas um terço foi destinado à compra de empresas privatizadas. Esses investimentos, como lembrou o ministro, financiaram 61% do déficit em conta corrente.

“O Brasil, depois da China, é o país que maior confiança inspira em termos de investimento direto estrangeiro no mundo em desenvolvimento. E não vejo razão para isso ser alterado nos próximos meses”, disse Malan, frisando a importância de se olhar o setor real da economia, as decisões de investimento tomadas pelas empresas de várias partes do mundo, e não o setor financeiro, que abriga o capital volátil e de curto prazo.

As medidas de estímulo ao comércio exterior que o governo anunciará na próxima semana poderão vir acompanhadas de provi-

dências tornando mais seletivas as importações. Não existe ainda uma decisão de governo sobre a imposição de restrições ao ingresso de mercadorias no País. Mas em alguns setores começa a ganhar peso a análise de que elevar as exportações pode não ser suficiente para a tentativa de equilibrar as contas externas.

“Se ficar clara a dificuldade do País em atrair novos capitais, a alternativa talvez seja restringir as importações”, comentou uma fonte do governo.

A imposição de barreiras às importações, um retorno à política protecionista abandonada no governo do ex-presidente Fernando Collor e consolidada, em parte, pelo presidente Fernando Henrique Cardoso pode ser o remédio necessário para proteger a economia doméstica. É cedo ainda, na avaliação de alguns assessores, para se saber em que medida os países reagirão à crise desencadeada no sudeste asiático, agora na Rússia e com reflexo nas bolsas de todos os países, nas duas últimas semanas.

PROGRAMA

O presidente Fernando Henrique Cardoso está gravando um programa para o horário eleitoral gratuito sobre a crise do mercado financeiro, mas o assunto só vai ao ar se ele tiver de dar explicações ao País por decisões de governo. A decisão da equipe de marketing de Fernando Henrique continua sendo não levar a crise à campanha, além das “pinceladas” que o candidato vem dando no programa eleitoral.

Hoje à noite, Fernando Henrique falará de emprego e das metas num segundo mandato. “A crise não é a tônica para o horário eleitoral gratuito, enquanto não houver realmente um fato novo que exija atitude do governo”, afirmou um dos assessores de Fernando Henrique.